

JOSEPHINE COX

# INFÂNCIA ROUBADA

Tradução de Tânia Ganho

## **Primeira Parte**

*Bedfordshire, fevereiro*  
1952

# Capítulo 1

Havia qualquer coisa de inquietante no jovem Adam.

Carregava um segredo que jamais poderia contar a viva- alma.

Phil, porém, dera-se conta disso, porque reconhecia a postura do menino: os ombros curvados e os olhos tristes que pouco revelavam.

Tendo lutado pelo rei e pela pátria, Phil sabia o que era enterrar um segredo bem fundo em si. Ao longo dos anos, aprendera a conviver com a memória vívida das cenas terríveis de que fora testemunha.

Conseguia galhofar com os velhos companheiros, mas a solidão do seu segredo era-lhe muitas vezes insuportável.

Embora a sua vida não fosse vazia, sentia saudades da companhia de uma pessoa muito especial, a única mulher que amara de corpo e alma, a única mulher que fora capaz de lhe iluminar a vida, mesmo em momentos sombrios.

Mantinha-se ocupado ajudando os vizinhos e encontrando-se, de vez em quando, no *pub* com alguns indivíduos da zona. Ganhava o sustento como motorista do autocarro escolar e, terminado o dia de trabalho, regressava à casa vazia, preparava o jantar, sentando-se, por fim, numa cadeira a fumar o seu velho e fiel cachimbo. Antes de escurecer, dava um passeio pelo campo, com o seu cão rafeiro, *Rex*, alegremente ao seu lado.

Phil apreciava estes poucos pequenos prazeres, embora tivesse dado tudo para recuar no tempo, à época em que era jovem e robusto e tinha a sorte de estar casado com uma mulher carinhosa e dedicada.

Agora, porém, tirando a presença do fiel amigo de quatro patas que nunca se afastava muito, a casa estava invariavelmente vazia.

Agora, à noite, deitava-se sozinho. Ao raiar do dia, acordava sozinho. Não tinha ninguém especial com quem rir ou chorar, ninguém para abraçar quando se sentia afetuoso. Ninguém íntimo com quem comentar os mexericos ou sorrir das partidas marotas que as crianças faziam no autocarro.

Não havia ninguém para ralar com ele quando deixava a torneira aberta ou quando atirava descontraidamente a camisa para o chão do quarto. A triste verdade é que, depois de ter sido feliz durante muitos anos ao lado de uma mulher maravilhosa, era agora um homem só, apenas com recordações e um cão como companhia.

A solidão pesava-lhe mais ao fim do dia. Sentia saudades de coisas que outrora lhe eram familiares, como preparar um bule de chá para dois e partilhá-lo junto das chamas alegres da lareira, ou cortar flores frescas do pequeno jardim e ver o bonito sorriso da mulher quando lhas oferecia.

Sentira saudades desses momentos preciosos ao longo dos últimos quatro anos, desde que a sua mulher perdera a luta contra uma doença prolongada.

\*

Os pensamentos de Phil foram subitamente interrompidos por um movimento trémulo refletido pelo espelho retrovisor. Levantando os olhos, viu o último passageiro, o jovem Adam Carter, levantar-se do banco e dirigir-se para a frente do autocarro. Era demasiado calado e sério para a sua idade. Por várias vezes, Phil apanhava o menino tão absorto nos seus pensamentos que nem dava pelas outras crianças e também não tinha nenhum amigo mais próximo que se sentasse sempre ao seu lado. Em Adam, Phil via um menino perturbado e assustado.

– Estamos quase a chegar, rapaz! – disse, encorajadoramente.

Phil encostou o veículo à berma, onde estacionou e, puxando o travão de mão, preparou-se para deixar o menino descer.

– Pronto, Adam, aqui estás, de regresso a casa, são e salvo.

– Obrigado, Mr. Wallis.

– O meu nome é Phil... – corrigiu ele carinhosamente. – Toda a gente me trata por Phil.

– Mas o meu pai diz que é falta de educação tratar as pessoas mais velhas pelo nome próprio.

– Talvez, se elas não te derem esse privilégio... o que eu estou a fazer neste momento, com todo o gosto. Mas só se te sentires à vontade.

Adam ficou irrequieto.

– Eu gostava muito de o tratar por Phil – admitiu –, mas o meu pai zanga-se comigo se souber.

Phil piscou-lhe o olho com ar maroto.

– Bom, isso resolve-se facilmente. Se não lhe disseres nada, eu também não digo.

Adam pensou uns instantes e com um sorriso largo, retorquiu:

– Está bem, então eu não lhe digo nada.

– Ótimo! Nesse caso, está resolvido. – Phil levantou-se. – Como preciso de esticar as pernas e está uma tarde tão bonita, acompanho-te até casa. Se achares que o teu pai não se importa, claro.

Adam abanou a cabeça.

– Ele não se importa. Obrigado, Phil.

Phil soltou uma gargalhada.

– Vês? Não custou nada dizeres o meu nome, pois não?

Sentiu que, finalmente, aquele menino solitário começava a confiar nele.

Olhou de esguelha para o jovem Adam.

Adam Carter, de apenas sete anos, era um menino muito discreto. Com uns olhos castanhos muito sérios e o cabelo escuro e grosso a cair-lhe para a testa, tinha uma bela figura. Como não era naturalmente extrovertido, quase nunca soltava uma gargalhada e eram raras as ocasiões em que sorria. Mas, quando o fazia, o seu sorriso era tão caloroso e genuíno que iluminava qualquer espaço.

Phil reparou que o nervosismo de Adam aumentava à medida que se aproximava de casa. Ao contrário das outras crianças, sempre desejosas de sair do autocarro, Adam deixava-se ficar para trás,

esperando até ao último instante, quase como se tivesse relutância em abandonar o ambiente seguro do autocarro.

– Pronto, rapaz, mais uma semana passou. Desce lá. Eu vou só fechar o autocarro.

Adam desceu os degraus. No último, deu um saltito para o chão e a mochila ficou presa no corrimão.

– Estás bem? – Phil libertou-lhe a mochila.

– Estou. Obrigado, Phil.

Depois de seguir Adam, Phil trancou a porta atrás de si.

– Deves estar contente por ir para casa, hã?

Tirando um breve aceno de cabeça, Adam não respondeu, mas teve vontade de dizer àquele homem meigo e bondoso que não, *não* estava bem; *não* estava contente por ir para casa. Queria confessar que tinha medo e era infeliz e que muitas vezes sonhava em fugir. Mas nunca faria uma coisa dessas, porque poderia ser perigoso para uma pessoa que ele amava mesmo muito. Por isso, manteve-se em silêncio e continuou a fingir. Só de se aproximarem de casa, já ele levava o coração aos pulos. Estaria o pai lá? Teria o dia dele corrido bem? É que se não... oh... se não... Afugentou rapidamente os maus pensamentos da cabeça.

O homem e o menino caminharam lado a lado.

– Meu Deus! Mas que regalo! – Phil inspirou fundo. – A esta hora do dia, os pinheiros soltam um perfume maravilhoso.

Adam era da mesma opinião.

– A minha mãe diz que o perfume é ainda mais forte no verão. Diz que, quando as árvores começam a transpirar, se forma um vapor espesso sobre a floresta e quase dá para lhe sentir o gosto.

Phil adorava a maneira indolente como o carreiro batido serpenteava dentro e fora da floresta vetusta, passando por entre árvores magníficas que existiam há muito mais tempo do que ele.

– Vives numa parte muito bonita da região – disse ele a Adam. – Agora que tens o fim de semana todo pela frente, o que é que vais fazer, hã? – Riu-se. – Meu Deus! Quem me dera ser criança outra vez... Tregar às árvores e roubar maçãs. Nem imaginas as tropelias que costumávamos fazer. – Soltou um suspiro ruidoso. – Parece que foi há uma eternidade. Hoje, seria incapaz de tregar a uma árvore,

por causa da minha perna manca. – O seu coxear acentuado era um doloroso troféu dos tempos da guerra.

– Eu estou proibido de trepar às árvores – disse Adam, numa voz sumida, de pesar. – O meu pai não deixa.

– A sério? – Phil ficou estupefacto. – Trepar às árvores é uma coisa típica de rapazes. Faz parte do processo de crescimento, como pescar e jogar à bola. – Esboçou um sorriso melancólico. – E quem é que alguma vez esquece a primeira vez que beijou uma rapariga? – Revirou os olhos e fez o menino sorrir timidamente; ainda não desfrutara desse prazer. – Sei que não tenho nada que ver com isso – prosseguiu, num tom mais sério –, mas o que é que o teu pai tem contra tu trepar às árvores?

Adam encolheu os ombros.

– Diz que é uma coisa pouco digna.

– Compreendo. – Na verdade, não compreendia nada.

Absortos na conversa, apanharam um susto, que rapidamente se transformou em deleite, quando um veado atravessou o carreiro à frente deles. Uns passos adiante, Phil retomou a conversa.

– Sabes o que eu faria, se algum dia tivesse muito dinheiro?

– Não.

– Não me parece que isso venha a acontecer, mas, se tivesse, construía uma casa bonita precisamente no meio desta floresta. E teria o cuidado de travar amizade com todos os animais que aqui vivem.

Adam riu-se.

– Seria como o velhote da história.

– Ah, que história?

– Uma aventura misteriosa que li uma vez sobre um homem que vivia numa velha cabana na floresta. Cortava lenha para a lareira e tudo o que comia vinha da mata. Às vezes, até dormia na floresta com os animais e nunca nenhum lhe fez mal.

– Ah, então, aí tens. Parece um homem cá dos meus. E quanto tempo é que ele viveu assim?

– Muito tempo... anos! Até que, um dia, desapareceu sem deixar rasto e nunca mais ninguém o viu.

– Humpf! – Baixando-se para apanhar um ramo caído, Phil

atirou-o para a berma. – Quer dizer que ninguém sabe o que lhe aconteceu, há?

– Não. Conta-se que um dia viram-no a apanhar cogumelos e, depois disso, nunca mais ninguém o viu. Algumas pessoas ficaram preocupadas, a pensar que talvez ele estivesse doente; por isso, foram à cabana saber dele e encontraram todas as coisas arrumadas, mas o velhote tinha desaparecido.

– É uma história demasiado fantasmagórica para o meu gosto. – Phil ficou intrigado. – Mas o que é que *tu* achas que lhe aconteceu?

– Bom... Acho que talvez ele tenha adoecido e, como sabia que não ia melhorar, foi-se embora para um lugar onde ninguém o pudesse encontrar. Como os índios costumavam fazer antigamente.

Phil pensou no assunto.

– Bom, se for esse o caso, é um homem cheio de sorte. São poucas as pessoas que podem escolher como viver as suas vidas quanto mais decidir onde as vão terminar.

Seguiu-se um breve silêncio, enquanto ambos pensavam no destino do misterioso homem.

– Phil? – perguntou num murmúrio o menino, quebrando o silêncio.

– Sim?

– Acho que nunca vou poder escolher o que fazer da minha vida.

– Porque é que dizes isso?

– Porque o meu pai já tem tudo planeado para mim.

– A sério? – retorquiu Phil, incitando-o a prosseguir. – E achas que isso é mau, é?

– Ele diz que eu sou o seu único filho e que decidiu não ter mais nenhum – explicou Adam. – Por isso, tenho o dever de seguir as suas pisadas.

– Com que então, não quer ter mais filhos?

– Foi o que ele disse.

– E tu tens a certeza de que não queres seguir as pisadas dele?

– Tenho, mas sempre que tento explicar-lhe, ele fica furioso.

Teve o cuidado de não contar que o pai lhe batia com o cinto; que uma vez lhe deixou as costas em sangue e proibiu a mãe de o levar ao hospital.



– Já explicaste à tua mãe que não queres seguir as pisadas do teu pai?

– Já, mas a minha mãe diz que é melhor eu fazer o que ele manda. – Calou-se por uns instantes, antes de confidenciar, num tom mais baixo: – Às vezes, quando eu lhe desobedeço, ele vinga-se nela. Isso é cobardia, não é, Phil?

– Desculpa, mas sem saber as circunstâncias todas, não seria correto fazer comentários – desculpou-se Phil, embora a imagem mental que acabara de formar do pai do menino fosse profundamente inquietante. Achando que talvez fosse mais sensato mudar de assunto, perguntou: – Então, se estás proibido de trepar às árvores, o que é que fazes quando brincas com os teus amigos?

– Não tenho amigos.

– Ai, não? Então porquê?

– O meu pai diz que não devo perder tempo. Diz que devo aproveitar para estudar no tempo livre depois das aulas, porque nunca serei nada na vida se não estudar. – Pousou os olhos no chão.

– Posso contar-lhe uma coisa, Phil?

– Claro que podes.

– Não gosto muito dele. Obriga-me a estudar a toda a hora e nunca me deixa fazer mais nada. Gostava de convidar amigos para brincarem comigo, mas o meu pai obriga-me a estudar tanto que não há tempo para isso.

– Tenho a certeza de que o teu pai acha que é para teu bem.

– Eu sei, mas ele exige de mais de mim e tem tão mau feitio. Quando me engano nas respostas, ele obriga-me a fazer tudo outra vez. Às vezes, é meia-noite e nem assim ele me deixa descansar. A minha mãe discute com ele e depois... ele... ele... – A voz de Adam sumiu-se num sussurro. – Às vezes, odeio-o.

Entristecido com o que rapaz lhe contara, Phil fez-lhe uma promessa.

– Lembra-te sempre de uma coisa: se alguma vez precisares de desabafar, podes contar comigo. – Como nunca assistira ao que se passava naquela casa, Phil achou que seria errado criticar. Em vez disso, tranquilizou o menino: – Penso que as intenções dele são as melhores, mas é óbvio que tu achas que ele o está a mostrar da maneira errada,

por isso, a única coisa que podes fazer é continuar a explicar-lhe o que sentes.

– Já decidi que nunca vou ser como ele! – Uma expressão sombria perpassou-lhe o rosto.

– Bom, a escolha é tua, Adam, mas o teu pai conseguiu ter uma bela vida e, pelo que me contas, só deseja o mesmo para ti.

– Eu sei. – Olhando em frente, na direção da casa, o menino ficou mais agitado. – Mas ele não é boa pessoa. Às vezes, é mesmo muito mau. Não se ri e, quando se irrita, grita e berra. A mãe diz-me para eu não o arreliar, senão ele...

– Senão ele o quê? – Phil percebeu que o menino estava a ficar nervoso. – Tirando os gritos e a insistência para que te esforces mais nos estudos, há mais alguma coisa que te preocupe?

– NÃO! Não, não há mais nada. – Temendo já ter falado de mais, Adam terminou a conversa de uma maneira pouco convincente. – Eu e a minha mãe fazemos o que ele manda e fica tudo bem.

– Bom, lembra-te do que te disse, Adam. Se algum dia precisares de alguém com quem desabafar, estou aqui para isso. – Phil pôs fim à conversa: – Acho que, um dia, tu e o teu pai vão acabar por se entender. – Mesmo que assim fosse, ficou genuinamente preocupado com o que o menino lhe contara.

– Posso perguntar-lhe uma coisa? – inquiriu Adam, ao cabo de uns momentos de silêncio.

– Claro que podes! – Phil tentou aligeirar a conversa. – A menos que me queiras pedir uns trocos emprestados, porque, nesse caso, sabes o que dizem: «Não emprestes nem peças emprestado.»<sup>1</sup> E eu cá rejo-me por essa regra.

Quando viu a expressão consternada de Adam, soltou uma gargalhada.

– Não liguês ao que eu digo, estou só a meter-me contigo. Então, o que é que me querias perguntar?

Lançando um olhar desconfiado ao caminho de acesso à casa, Adam confidenciou baixinho:

– Importa-se de não contar a ninguém o que acabei de lhe dizer

---

<sup>1</sup> Citação da peça *Hamlet*, de Shakespeare, Ato I, cena 3. (*N. da T.*)

sobre o meu pai? – Olhou de novo com nervosismo para a casa ao fundo do carro.

– Não te preocupes. Nunca fui dado a mexericos e garanto-te que tudo o que falámos hoje não sai daqui. Está bem?

– Obrigado, Phil. Talvez tenha razão. O meu pai não faz por mal. É só que, como trabalha muitas horas e tem um emprego de muita responsabilidade, às vezes, fica muito irritado.

– Eu compreendo. Não me leves a mal, mas acredito que o que é bom para um homem nem sempre é bom para outro. Qualquer um deveria poder escolher o seu próprio caminho. Tu ainda não és um homem e talvez o teu pai esteja a querer assegurar o teu futuro. Estás a entender-me?

– Entendo, mas não quero ser uma pessoa com mau feitio e cheia de raiva como o meu pai. Quero fazer qualquer coisa na vida que me deixe feliz. – Cada vez mais nervoso, Adam reduziu a voz a um sussurro. – O meu pai já me anda a treinar para a profissão dele.

– Como?

– Bom, quase todas as noites, traz papelada do escritório e obriga-me a estudá-la com ele. São cálculos de valores da bolsa e transações financeiras. A verdade é que não entendo nada daquilo, mas às vezes obriga-me a estar sentado à secretária dele uma eternidade, a fazer testes e coisas assim. Diz que tem orgulho em que eu siga as suas pegadas. Quer que eu aprenda tudo sobre finanças e negócios. E eu odeio aquilo tudo!

Phil compreendia a inquietação do menino.

– E tens tempo livre só para ti?

Adam animou-se.

– Só quando o meu pai chega a casa muito tarde ou passa a noite em Londres, em trabalho. Nessas alturas, a minha mãe e eu divertimo-nos mais do que nunca, a fazer coisas que o meu pai não gosta. Jogamos às cartas. A minha mãe guarda-as num esconderijo secreto. Às vezes, pomos a música alta, e a minha mãe ensina-me a dançar o tango e a rumba. – O seu rosto abriu-se num sorriso de orgulho. – Em tempos, ela foi campeã de danças de salão. Ganhou uma série de troféus e tem fotografias dessa época com vestidos lindos. Diz que o meu pai lhe pediu para deixar tudo quando se

casaram. Ela deu os vestidos e nunca mais voltou a dançar. Guardou todas as fotografias e troféus, mas o meu pai trancou-os à chave. Ela sabe onde estão e, quando ele não está em casa, tira-os todos do armário. – Com medo de que alguém o estivesse a ouvir, baixou novamente a voz. – Ele não sabe que a minha mãe procurou a chave pela casa toda. Encontrou-a debaixo do tapete do quarto deles. Sempre que o meu pai não está, ela expõe os troféus em cima do aparador e depois ensina-me a dançar. Oh, Phil, ela é tão linda. Não é justo. Porque é que o meu pai há de trancar as coisas de que ela tanto gosta assim, sem mais nem menos?

Phil estava chocado.

– Não faço a mínima ideia. – Sentindo-se constrangido, procurou dar um rumo ligeiramente diferente à conversa: – Achas que a tua mãe gostava de voltar a dançar em público?

Adam fez que sim com a cabeça.

– Oh, se gostava! Ela diz que ainda é nova e que podia recomeçar. Chegou a falar nisso ao meu pai, mas ele avisou-a de que, se ela voltasse a tocar no assunto, ele teria de destruir tudo, para ela nunca mais se sentir tentada. Acho que nunca mais vai voltar a dançar. – Levantando os olhos para Phil, Adam sorriu. – Pelo menos, não em público.

Phil começava a ter uma noção muito mais abrangente daquela família e não era nada boa.

– Hum... Bom, a única coisa que posso dizer é que é uma pena o teu pai ter de trabalhar tanto. Mas ainda bem que tu e a tua mãe passam esse tempo juntos, não é?

Adam fez um sinal de assentimento.

– É muito bom quando o meu pai não está. Às vezes, a minha mãe e eu andamos quilómetros pelos campos. Passamos horas na rua. Depois, no regresso, compramos peixe com batatas fritas e sentamo-nos num banco de jardim a comer. Assim, a casa não fica a cheirar a fritos e o meu pai não descobre o que andámos a fazer. – Ofegante e entusiasmado, prosseguiu: – Ah, e às vezes vamos ao cinema. – O seu rosto iluminou-se. – No sábado passado, fomos ver um filme de *cowboys*.

Deixando o menino falar, Phil ajudou-o instintivamente a contornar uma poça lamacenta.

– Tens algum animal de estimação? Um cãozinho, por exemplo?  
– Não. Uma vez, a minha mãe comprou-me um gato malhado, mas foi atropelado. Chamava-se *Thomas* e seguia-me para todo o lado. Eu gostava mesmo dele. Ensinei-lhe umas habilidades, embora o meu pai corresse com ele, mal entrava em casa.

Phil riu-se.

– Eu tive um gato assim, em tempos. Estava sempre disposto a tudo.

– O *Thomas* era o gato mais inteligente que já conheci – confidenciou Adam, orgulhoso. – Chorei muito quando foi atropelado. O meu pai chamou-me bebé chorão e disse que eu devia ter vergonha. Agora não me deixa arranjar outro animal de estimação.

– Disseste que ele foi atropelado? – Phil ficou surpreendido, porque, na sua experiência, a maior parte dos gatos fugiria para a floresta e não se arriscaria a ir para uma estrada principal. – Que pena. Como é que soubeste?

– O meu pai disse-nos que encontrou o *Thomas* na mata e que estava tão ferido que morreu, por isso, enterrou-o onde o encontrou. Eu quis lá ir despedir-me, mas ele recusou-se a dizer-me onde estava. Disse que, assim, não me custaria tanto.

– Oh, meu Deus, isso é mesmo triste. Lamento muito. – Tendo ficado a saber tanto sobre o pai autoritário de Adam, Phil não pôde deixar de se interrogar sobre o destino do gato.

Teve uma ideia.

– Olha, Adam, como está uma tarde tão agradável, vou passear o meu cão por estas veredas, antes de escurecer. Podias perguntar aos teus pais se podes vir comigo. O que é que achas?

Adam abanou a cabeça.

– Não tenho autorização.

– Oh, mas não custa nada perguntares, pois não? Nunca se sabe. O meu velho pai costumava dizer: «Se não perguntares, nunca saberás.»

Adam abanou a cabeça.

– O meu pai não me deixa, mas obrigado, Phil.

– Ah, bom, deixa estar. Fica para outra vez, quem sabe.

– Sim. Eu gostava muito.

Instantes depois, chegaram à casa: uma bela moradia vitoriana com chaminés altas, janelas grandes e um amplo trilho de acesso. Construída num terreno impecavelmente jardinado, a casa causava impacto em quem a via.

– A partir daqui, vou bem sozinho, Phil, obrigado.

– Está bem. Fico só à espera de que passes o portão e depois ponho-me a caminho de casa. – Tranquilizado pelo pátio iluminado, esperou que o rapaz fechasse o portão atrás de si.

– Oh, olhe! O meu pai está em casa. – Adam apontou para o grande *Austin* estacionado na entrada da garagem. O seu rosto entristeceu a olhos vistos, enquanto se preparava para entrar.

Nesse mesmo instante, um homem que só poderia ser o pai de Adam saiu intempestivamente de casa. Demorando-se por instantes na sombra do alpendre, pareceu surpreendido ao ver os dois ao portão.

– Boa tarde, Mr. Carter. – Phil ergueu a mão num cumprimento, mas o outro indivíduo não lhe respondeu, correndo para o carro.

Aproximando-se, Adam confidenciou num sussurro:

– Ainda bem que ele vai sair. Assim, vou poder ficar sozinho com a minha mãe, em vez ter de ir trabalhar com ele para o escritório.

Phil compreendeu-o, mas achou por bem não deitar achas na fogueira. Dizia-lhe a voz da experiência que os problemas familiares por norma se resolviam por si só.

– Bom, acho melhor ir andando.

– Então, adeus, e obrigado. – Adam dirigiu-se para casa, enquanto Phil virava costas e começava a descer lentamente o caminho, absorto nos seus pensamentos.

Percorrera apenas uma curta distância, quando ouviu gritos irados.

– Ou fazes o que eu mando ou levas com o cinto! Sai-me da frente, maldito sejas!

Um minuto depois, Phil ouviu o barulho da porta de um carro a bater, seguido do rugido de um motor.

Pensou que, se era o pai aos gritos, não admirava que o menino lhe tivesse pouco amor ou respeito.

Perdido nos seus pensamentos, seguiu caminho vereda abaixo. De repente, um carro passou a patinar, a toda a velocidade, os pneus lançando-lhe uma chuva de lama espessa para as calças.

– SEU LOUCO! ESTÁS A VER SE ME MATAS OU QUÊ? – Sacudindo o punho no ar, enquanto o carro saltava do caminho de acesso para a estrada principal, Phil reconheceu o grande *Austin* do pai de Adam. – Seu louco! – gritou, limpando a lama das calças. – Devias era ser preso. Isto não vai ficar assim, isso te garanto.

Quando se preparava para prosseguir caminho, pareceu-lhe ouvir um grito algures atrás de si. Seguiu-se um outro, desta vez mais perto. Era Adam, e estava visivelmente perturbado.

– Phil... ajude-me!

O rapaz caiu, mas não fez qualquer tentativa para se pôr de pé. Em vez disso, limitou-se a ficar onde estava, gritando:

– Volte! Preciso de si, Phil... por favor.

Escorregando e tropeçando no terreno irregular, Phil correu para ele. O menino estava encolhido no chão, a balouçar o corpo freneticamente para trás e para a frente, os braços cruzados sobre a cabeça como que para se defender.

Chocado, Phil levantou-o e estreitou-o de encontro ao peito.

– O que foi? O que é que aconteceu? – Era óbvio que acontecera qualquer coisa de terrível.

– Precisamos de si... por favor, Phil. – Tremendo nos braços do homem, o menino olhou em volta furtivamente e, com uns olhos arregalados de medo, virou-se para a casa atrás de si. – Tem de vir comigo, Phil. – Reduziu a voz a um sussurro, em tom de confiança. – Foi ele, eu sei que foi. Foi ele, Phil. Odeio-o, odeio-o!

– Chhh... inspira fundo. Conta-me o que aconteceu.

– Não sei! Tem de me ajudar, Phil... por favor!

– Está bem. Agora acalma-te. Tu e eu vamos lá a casa juntos. – Só poderia ter acontecido qualquer coisa de muito grave, para ter afetado o menino daquela maneira, mas não era hora de fazer perguntas.

Enquanto se apressavam na direção da casa, Adam não parava de perguntar:

– Ele não vai voltar, pois não? Não quero que ele volte. Por favor, Phil, não o deixe voltar.

Acelerando o passo o mais possível, Phil puxou-o para si, reconfortando-o constantemente, embora não fizesse ideia do que poderia ter acontecido.

Nas horas crepusculares dessa tarde de fevereiro, Phil observou em silêncio o menino. A princípio, pensou que o pai lhe dera uma sova, mas o menino não parecia ter cortes visíveis nem manchas de sangue. Ficou aliviado com isso, pelo menos.

À medida que se aproximavam da casa, Phil estreitou Adam com mais força de encontro a si, continuando a reconfortá-lo.

Agarrado a Phil, o jovem Adam parecia não o ouvir. Todo ele tremia, olhando incessantemente para a estrada atrás de si.

Chegados ao portão, Adam recuou, resistindo quando Phil tentou empurrá-lo devagar para a frente.

Depois, num gesto súbito, que apanhou Phil de surpresa, desatou a correr caminho acima.

Phil seguiu-o rapidamente, mas hesitou no alpendre. Por norma, não entrava em propriedade alheia sem convite, especialmente quando se tratava de um homem hostil. A sua preocupação com o rapaz, porém, instigou-o a avançar.

Pouco depois, ao entrar no corredor interior, Phil deparou com uma cena tão chocante que nunca na vida se poderia ter preparado para ela.

Adam estava aos pés da escada a gritar:

– Ela está morta, não está? – Com a camisa da escola coberta de sangue, correu para Phil. – Veja o que ele fez, oh, Phil... veja o que ele fez. – Os gritos do menino eram de partir o coração.

Profundamente abalado, Phil aproximou-se das escadas e ajoelhou-se para examinar a mulher. Viu que era Peggy Carter, a mãe de Adam, e, tal como o menino, percebeu que já ninguém a poderia ajudar.

Jazendo numa poça de sangue, estava coberta de hematomas encarniçados. Tinha os olhos fechados e parecia não haver sinais de vida. O seu corpo estava contorcido de forma grotesca, as pernas dobradas. Os braços pareciam ter sido arrancados das articulações.



O direito estava esticado, ao passo que o outro pendia por entre as barras do corrimão, como se ela tivesse tentado usá-las para amparar a queda. Phil deduziu que caíra das escadas e tentara corajosamente, mas em vão, agarrar-se para evitar ferimentos graves.

– Adam! Chama uma ambulância. – Não havia tempo a perder.  
– Vá! Despacha-te! – Recordou-lhe o número das emergências.  
– Diz que houve um acidente terrível e que a tua mãe está inconsciente. Explica que têm de vir imediatamente!

Já o menino corria a fazer o que ele mandara, quando Phil lhe gritou:

– Não te esqueças de lhes dar a morada. Despacha-te, Adam!  
Despacha-te!